



## O perfil jornalístico como uma leitura do cotidiano <sup>1</sup>

Amanda Tenório Pontes da SILVA <sup>2</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### RESUMO

Com a evolução dos meios de comunicação, em especial as mídias impressas, produzir e publicar narrativas continua sendo uma importante maneira de afirmação do imaginário social. Com o objetivo de dar enfoque aos personagens e suas histórias de vida, certos gêneros jornalísticos consagram-se por desvendarem quem são os sujeitos que vivenciam a realidade espaço-temporal do cotidiano. Este artigo tem a proposta de tentar entender como o perfil pode ser utilizado para discutir, através do seu apelo empático ao passado, a identidade do indivíduo envolto e descrito pela linguagem jornalística, esta que normalmente prima pelo tempo presente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativa jornalística; personagem; perfil; cotidiano.

### INTRODUÇÃO

Os pesquisadores do jornalismo, e mais precisamente, aqueles voltados aos estudos dos gêneros, sabem o quão difícil tem sido categorizar os estilos que compõem o arsenal da linguagem jornalística. A busca pela criatividade através de uma escrita envolvente e humanizada tornou-se dilema para profissionais que tentam exercer o que cientificamente analisamos observando a prosa diária das mídias.

O perfil, gênero formado por uma narrativa que focaliza momentos importantes da vida de um personagem real, continua estimulando a venda de diversas publicações. Entretanto, podemos dizer que seu auge em termos de periodicidade ocorreu nas décadas de 1960 e 1970, quando no Brasil, começou-se a dar destaque às figuras que despontavam no cenário político, econômico, artístico e esportivo.

Os eventos que movimentavam a sociedade não eram mais descritos como algo generalizante, os jornalistas buscavam indivíduos que, a partir de trechos da sua história relacionados ao fato, pudessem representar o todo. E aqueles sujeitos que recorriam à notoriedade, encontravam na mídia o lugar perfeito para promoverem a sua existência,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB, sob a orientação do Prof. Dr. Wellington Pereira, email: [amandatenarios.jornalismo@gmail.com](mailto:amandatenarios.jornalismo@gmail.com).



regada quase sempre pela aparência e pela capacidade de se auto-afirmar. Os repórteres, aproveitando-se dessa sede de espetáculo, começaram a dar um novo molde ao gênero, mais próximo ao que hoje se lê.

Longe do maniqueísmo imposto ao jornalismo, nosso objetivo não será esvaziar cada ponto referido nesta introdução, mas compreender a relação entre eles. Para isso, lançamos o seguinte questionamento: seria possível retratar o cotidiano através de um gênero construído a partir do encontro e da visão do perfilado sobre si próprio e do autor sobre esta visão?

## **CONTEXTUALIZAÇÃO DO JORNALISMO BRASILEIRO**

Desde o seu início, o jornalismo fornece produtos necessários à solidificação do homem enquanto sujeito moderno. Para tanto, seguras modificações estimularam o modo de pensar e classificar os gêneros jornalísticos, onde apesar das diferenças e similaridades, detectamos uma constante preservada, em uns mais em outros menos: o dever de informar e a necessidade de opinar. No seio dessa discussão ainda atual, sucintamente explica e sintetiza Marques de Mello (1994, p. 65):

A nota corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e por isso é mais freqüente no rádio e na televisão. A notícia é um relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é um relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pelas instituições jornalísticas. Por sua vez, a entrevista é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-os um contato direto com a coletividade.

Para entendermos como o processo de autoria na atividade oscilou ao longo dos anos, exporemos as etapas citadas por Elcias Lustosa (1996) em *“O texto da notícia”*, que divide o jornalismo no Brasil de 1808 até hoje, em cinco ciclos.

Começamos com a primeira fase, que vai até 1827, nele as matérias tinham o lado opinativo acentuado por princípios cristãos e morais. O segundo segue até 1889, com o surgimento das primeiras agências de notícias e a valorização do texto em ordem cronológica.

Inicia-se o terceiro e marcante movimento, que vai até 1930. Neste período, com a proclamação da República, as notícias meramente informativas passam a ser adotadas.



Há uma segregação entre os meios de comunicação da época, alguns começam a ser perseguidos, outros fechados, o que causa um aumento da censura. Em contraposição a isso, os jornais ficavam cada vez mais profissionalizados com tecnologia vinda do exterior, o que possibilitou a sua melhoria estética.

De 1930 a 1969, com a Era Vargas, as mídias impressas iniciaram a utilização da técnica do *lide*, que facilitava a elaboração do texto de forma padronizada. A partir de 1969 prevalece a cultura visual, como a televisão, que passará a moldar jornais e revistas. A partir de 1980 começamos a verificar a informatização das redações e a adoção de técnicas mais apuradas de diagramação.

Visto essa cronologia, entenderemos o jornalismo como uma disciplina cujo objetivo principal gira em torno da circulação da informação e comunicação por meio de uma linguagem específica, a jornalística, regada por pressupostos. Dentre eles, destacamos a objetividade, a imparcialidade e a veracidade na descrição dos fatos veiculados.

Quatro funções fundamentam e estão presentes na linguagem adotada pelo jornalismo impresso, são elas: atualidade, o fato deve ter uma relação com o presente; periodicidade, compromisso de fidelidade das edições, grafismos e linha ao longo das edições de um periódico; universalidade, abordagem das múltiplas facetas de um mesmo acontecimento na visão de pessoas com posições diferentes e singulares; e a difusão coletiva, circulação dos jornais impressos de forma homogênea.

## **A EMERGÊNCIA DAS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS**

A forma mais ampla de entendermos a relação entre a história da humanidade como elemento universal e a do homem como indivíduo particular, permanece sendo através das narrativas. Nelas podemos analisar como foram perpetuados os acontecimentos do passado e como os mesmos encontram-se enraizados na cultura e no presente.

A palavra narrativa deriva do sânscrito dos hindus onde “*gnâ*” deu origem ao verbo narrar, que significa saber, tornar conhecido. Decerto a origem etimológica, na atualidade, narrar permanece uma atitude carregada de grandiosidade, pois a partir das histórias construídas anteriormente tentamos mensurar as perspectivas da posteridade.



Quanto à estruturação, as narrativas naturalmente trazem inúmeras temáticas e naturezas refletidas em seu corpo. Quando veiculadas por meios de comunicação recebem o nome de midiáticas. Neste segmento em especial, trataremos das jornalísticas. Cremilda Medina, fundamental pesquisadora da humanização das práticas jornalísticas, acredita no compromisso das mesmas com a cidadania:

Legibilidade, identificação com anônimos e histórias de vida, rejeição às cargas conceituais e estáticas, e preferência pela informação humanizada, exemplificada na vida cotidiana e pelos heróis da aventura contemporânea, fazem o universo social estar presente dentro dela. (MEDINA, 2002, p.63)

Frutos de uma apurada pesquisa de campo e da sensibilidade do repórter, os retratos devem ser estimulados no jornalismo. Com eles podemos escrever como enxergamos a realidade dos sujeitos do mundo, como diz Raul Vargas (1998), construindo a memória dos homens e mulheres que não se conformam em perder a vida, tentando converter o temporário em eterno.

Em meio a este quadro, até que ponto o público perde com a falta de estímulo editorial, falta de tempo para apurar e falta de espaço para publicar um jornalismo comprometido?

Concluimos, dessa forma, que o jornalista não pode ser apenas um mediador de conflitos, mas necessita perceber os detalhes da vida diária para dar a sua opinião a respeito das diversas situações que o leitor não pode vivenciar, cumprindo, ainda assim, os pressupostos condizentes com a rotina da profissão.

## **PERSONAGEM EM PRIMEIRO PLANO**

A palavra personagem tem raiz comum à etimologia de *persona*, cujo significado pode ser próximo ao de máscara, ou seja, entidade tomada pelo indivíduo que variará segundo as convenções sociais.

A visão latina da palavra tornou-se a mais conhecida e adotada nos estudos das humanidades. Por isso, a importância de compreendê-la e dar início ao diálogo dos personagens no jornalismo e a efetiva possibilidade de com eles, entendermos o cotidiano.



Outra questão terminológica envolve o uso dos termos “pessoa” e “personagem”. Esta parece solucionada quando buscamos o *Dicionário das Ciências da Linguagem*, de Oswald Ducrot, que adverte que o personagem não existe fora das palavras, e que representam pessoas. De acordo com Beth Brait (1987, p.11):

Se quisermos saber alguma coisa a respeito de personagens, teremos que encarar frente a frente a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar forma as suas criaturas, e aí pinçar a independência, a autonomia e a “vida” desses seres de ficção

Ao citarmos essas colocações seria natural nos perguntarmos em que momento surge o personagem na narrativa. Devemos entender que ele habita a linha tênue onde estão os limites do ser reproduzido e do inventado. E.M. Forster, em *Aspects of Novel* (*apud* Brait, 1987, p.41-3), classifica os personagens de duas formas:

- a) Personagem plana – construído de forma fixa e em torno de uma única qualidade ou característica, está imune à evolução no transcorrer da narrativa. Normalmente pode ser dividido em tipo e caricatura;
  - o personagem-tipo - o traço marcante a ser destacado é aquele que deu notoriedade ao indivíduo sem atingir a deformidade;
  - o personagem-caricatura - muitos sujeitos cometem gestos e atitudes estranhas, tendo tendência à exibição. Não obstante, autores utilizam a deformação e a incoerência para tornar o personagem caricatural;
- b) Personagem redonda – apresentado a partir de sua complexidade, normalmente dinâmica e particularizada às idiossincrasias humanas.

Devemos estar atentos não só ao que é peculiar ao personagem, mas como o mesmo se liga a fatores essenciais do seu convívio exterior. Nesse contexto, apontaremos abaixo a importância de perceber como ele encara os problemas do seu meio, sintetizado na forma da narrativa jornalística. Beth Brait (1987, p. 42-45) indica a classificação feita por Phillippe Hamon:

- a) Personagem referencial - é o que se refere a um sentido pleno e fixo. Sua participação e identificação dependerá do reconhecimento do leitor na cultura da qual o personagem faz parte. Rotineiramente a imprensa traz



histórias de vida de personalidades que as pessoas já conhecem, pois estes estão inseridos na mesma cultura dos leitores;

- b) Personagem anáfora - normalmente circunda alguém desconhecido do grande público e só pode ser apreendida dentro do texto;
- c) Figurantes - na maioria das vezes ocupam lugares subalternos nas obras. Distanciados e passivos, são pouco significativos no campo psicológico, mas muito importantes no aspecto físico, servindo para ilustrar lugares e dar atmosfera ao ambiente narrado.

Na verdade, é desejo do jornalismo dar a sensação de realidade aos personagens. Notamos que, a sua caracterização em jornalismo não atenderá apenas aos aspectos psicológicos, mas também aos físicos, contribuindo para a criação de um elo de percepção da realidade do leitor.

Seja pelas minúcias da altura, peso, expressão facial ou estilo de vestir, cada variação trará consigo parte da história a ser narrada. Segundo Oswaldo Coimbra (2002), demarcamos o personagem também pela:

a) Fala. As descrições expostas para caracterizar um personagem não se limitam apenas ao que for dito pelo autor. As atitudes, assim como o jeito de falar, podem trazer interessante material para a análise da *persona* a ser construída. A maneira como um personagem se expressa revela, além de fortes características sócio-contextuais, um pouco de sua história;

b) Idade. A mídia é um exemplo de fonte de inúmeras manifestações de linguagens, que irão variar segundo a idade dos envolvidos na comunicação. Revistas adolescentes como *Capricho* e *Atrevida* acentuam as reportagens sobre jovens galãs ídolos de Hollywood, adotando gírias e jargões usados entre os adolescentes, servindo também como elemento de auto-afirmação do grupo no qual é compreendida;

c) Profissão. Em matérias de jornalismo especializado é notória a forma como profissionais de uma determinada área lidam com o vocabulário próprio de suas profissões. Fala-se, portanto, na dificuldade que é adentrar por essa linguagem.

d) Posição social. A classe de maior prestígio econômico e social tende a utilizar a linguagem culta na sua comunicação, seja escrita ou falada. A gíria e a linguagem



descomprometida gramaticamente têm quase sempre ligação com o “popular” ou “coloquial”.

e) Região geográfica. Vários fatores podem desencadear a interpretação da origem dos sotaques dos personagens. Um deles é a geográfica, que não tem origem apenas na naturalidade-nacionalidade, mas no lugar onde reside o personagem. Este fenômeno pode desencadear um processo interessante de interação entre os personagens, pois a forma de usar a língua irá variar e será traço marcante na comunicação entre eles.

## O GÊNERO PERFIL

Não se pode datar precisamente quando o perfil começou a ser publicado no jornalismo brasileiro, fala-se em algo em torno dos duzentos e cem anos de existência. No entanto, a partir da década de 1930, influenciado em parte pelas publicações norte-americanas *Esquire*, *Vanity Fair*, *Life* e *The New Yorker*, o gênero começou a ganhar destaque nos jornais e nas revistas do país, principalmente aqueles com publicação semanal e mensal.

As revistas que investiram no perfil foram as já extintas *O Cruzeiro* e *Realidade*, na última era comum o jornalista acompanhar por semanas a vida da figura a ser perfilada. Das atuais, destacamos *Veja*, que desde 1968 até hoje, de forma não periódica, dá destaque aos indivíduos cuja história normalmente esteja ligada a um fato ou polêmica do cotidiano.

O nobre gênero vem sendo conceituado de diferentes maneiras pelos interessados em seu estudo. *Close-up*, retratos de vida, reportagem narrativo-descritiva de pessoa e até biografia curta. Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari acreditam que exista o perfil, o texto que enfoca o protagonista de uma história (de vida), e o miniperfil, quando uma personagem secundária tem a sua vida narrada a partir de um corte na história principal.

A entrevista tornou-se uma etapa fundamental na elaboração do perfil, pois através dela como instrumento metodológico foi possível angariar o espaço necessário para o jornalista buscar aproximação e narrar densamente o encontro com o seu entrevistado.



Seja um anônimo ou conhecido do público, através do perfil é possível encontrar a profundidade que existe na aparência do relatado. Ele tem um estilo único no jornalismo, baseando-se no processo: autor - perfilado - autor - perfil - leitor. Segundo Vilas Boas (2003, p.14):

Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem.

Em perfil, devemos estimular o autor a imprimir ao texto as impressões que o perfilado tem acerca dos assuntos que estejam ocorrendo no presente, principalmente na área que tenha maior autoridade. Vilas Boas (2003, p. 22) entende que:

Esperava-se que a matéria lançasse luzes sobre o comportamento, os valores, a visão de mundo e os episódios da história da pessoa, para que suas ações pudessem ser compreendidas num contexto maior que o de uma simples notícia descartável.

O repórter, no entanto, não deve estar preso a velha obrigação de “cumprir ficha”. Não raro se vêem matérias onde a pauta está alicerçada no lançamento de um livro, comemoração de um aniversário ou polêmica onde o perfilado seja o protagonista, e é aí onde está a linha que separa o jornalismo ético e compromissado com o não-ético, que se preocupa apenas com números.

## **O PERFIL E O COTIDIANO: EM BUSCA DAS FORMAS SOCIAIS**

Por um longo tempo as chamadas ciências humanas e sociais, assim como as áreas afins, ignoraram a importância dos fatos corriqueiros e considerados “sem prestígio” na construção da sociedade. Muitos estudiosos acreditavam que as grandes operações a serem descritas e analisadas estariam nos feitos do passado ou nas perspectivas de um futuro exacerbadamente promissor.

O conceito de cotidiano ainda não está completo, mas em plena construção. Não devemos pensar nele apenas como saber do tempo presente, do dia a dia, do corriqueiro, mas na validade da sua ambientação histórica. Para José Machado Pais (2001, p. 72):





A vida cotidiana não se constitui num objeto unificado por qualquer sistema conceptual e teórico corrente e próprio, embora seja um termo que se tem imposto, orientando reivindicações, atitudes, discursos. Por outro lado, o quotidiano é um lugar privilegiado da análise sociológica na medida em que é revelador, por excelência, de determinados processos do funcionamento e da transformação da sociedade e dos conflitos que a atravessam

Sucintamente, Pereira (2007), em artigo intitulado “A comunicação e a cultura no cotidiano” divide o cotidiano, para fins metodológicos, em três momentos. O primeiro é o *mundo da vida*, estabelecido por Alfred Schutz em sua fenomenologia; o segundo é o conceito de *cotidianidade*, no qual a qualidade da vida e a organização do tempo consomem grande parte das discussões sobre a importância nas rotinas. Por último, o mais recente postulado, a *vida cotidiana*.

Um grande expoente nos estudos sobre o modo de vida das sociedades “efêmeras” tem sido o sociólogo francês Michel Maffesoli, cuja teoria que ajuda a fundamentar, nomeada de formismo, acentua as riquezas existentes nas situações que, a priori, não demonstram a sua potencialidade. Seu olhar traduz as intencionalidades dos sujeitos pós-modernos e como socializam em busca de grupos onde possam se compreender. Para Maffesoli (*apud* Tedesco, p.124):

O cotidiano é uma forma (anti-racionalizada) teatralizada e superficial, cujo estudo demanda compreender o jogo das formas sociais aí presentes. As formas nas quais os fenômenos sociais aparecem e se enquadram dão a simbologia e a significação do mundo fenomênico; são a matéria-prima de como o mundo se dá a conhecer.

Como a grande preocupação vem sendo entender as formas sociais na interação dos indivíduos em torno das mídias, valorizando as suas histórias pessoais e visões de mundo construídas a partir dos encontros, o perfil aparenta ser o gênero jornalístico mais adequado para que possamos entender a vida cotidiana. Para Maffesoli (2007, p. 31):

A noção de formismo não permite mais contra-sensos habitualmente induzidos pela idéia de forma; essa me parece bastante adequada para descrever, de dentro, os contornos, os limites e a necessidade das situações e das representações constitutivas da vida cotidiana.

Utilizado para retratar o personagem central da narrativa, de onde podemos extrair as especificidades de uma dada cultura, no perfil temos vários encontros, como



por exemplo, o do autor com o perfilado. Apesar de ocupar um espaço geralmente curto se comparado aos outros gêneros, cumpre uma importante papel mesmo que em anos ou meses depois o entrevistado tenha mudado sua opinião. O que importa, na verdade, assim como no cotidiano, é o momento, o instante. Ou seja, como ele lê a sua vida a partir do atual.

## CONCLUSÃO

Com este artigo constatamos que a narrativa jornalística, através do seu vínculo espaço-temporal, tem um estilo textual que facilita a leitura e contribui para a construção do jornalismo enquanto saber compromissado com o imaginário presente na cultura das sociedades.

Buscamos acentuar a riqueza do perfil, que lida diretamente com episódios selecionados da história dos personagens, cujas trajetórias são narradas criativamente pela linguagem deste gênero específico.

Infelizmente, notamos que, quanto mais os perfis são publicados em veículos comerciais, menos podemos extrair deles o essencial e o sensível tanto do trabalho do autor, quando da visão do mundo (da vida) do perfilado.

Como sugere Vilas Boas (2002), lamentavelmente, excluindo algumas exceções, o que vimos nos perfis de hoje não são os relatos da pessoa por trás do mito, as sutilezas do encontro ou grau de observação e captação do autor. Observamos sim as intrigas, a invasão de privacidade, os episódios plantados e a preocupação irrestrita com as imagens. E aos poucos devemos superar isso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1987.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa. Um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 2002.

LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**. Brasília: UnB, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2007.



MARTINEZ, Mônica. **Jornada do herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo**. São Paulo: AnnaBlume, 2008.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: um diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2002.

MELO, José M. **A opinião do jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

PEREIRA, Wellington J. O. A comunicação e a cultura no cotidiano. Porto Alegre: **Revista FAMECOS**, 2007, quadrimestral, n. 32, abr. 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3416/2679>.

Acesso em: 07 mai. 2010.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

TEDESCO, João Carlos. **Paradigmas do cotidiano: Introdução à constituição de um campo de análise social**. Passo Fundo: UPF, 2003

VARGAS, Raul H. **A reportagem literária no limiar do século 21: o ato de reportar, os jovens narradores e o projeto São Paulo de Perfil**. São Paulo: Universidade de São Paulo/ECA, Dissertação de Mestrado, 1998.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias & Biógrafos: Jornalismo sobre personagens**. São Paulo, Summus: 2002.

\_\_\_\_\_, Sergio. **Perfil: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.